



A direita nas ruas em 2019

*etnografias de manifestações na cidade de São Paulo****

Caio Marcondes Ribeiro Barbosa¹

-
- * Uma versão deste trabalho foi apresentada no II Simpósio Direitas Brasileiras, na Unicamp, entre os dias 1 e 10 de junho de 2020.
 - ** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
 - 1 Caio Marcondes Ribeiro Barbosa é mestre e doutorando em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (previsão de término: final de 2022). caiomrb@usp.br.

RESUMO

Este trabalho apresenta os achados de um estudo etnográfico dos principais protestos realizados na cidade de São Paulo por grupos de direita ao longo de 2019, o primeiro ano de governo de Jair Bolsonaro. Foram acompanhados os atos dos dias 07 de abril, 26 de maio, 30 de junho, 25 de agosto, 09 de novembro, 17 de novembro e 08 de dezembro. A hipótese era de que a direita nas ruas, embora unida em torno de Bolsonaro na eleição, era múltipla e com interesses, muitas vezes, divergentes. Com a pesquisa, ficou cada vez mais clara a divisão entre os diferentes grupos nas ruas em torno de duas correntes: uma bolsonarista, mais conservadora e cujo apoio ao governo era mais irrestrito; e uma lavajatista, com apoio significativo ao governo, mas com foco maior em medidas de combate à corrupção e cujo ícone maior seria Sergio Moro.

Palavras-chave: *Manifestação. Direita. Bolsonarismo. Lavajatismo.*

ABSTRACT

The paper presents the findings of an ethnographic research on the main right-wing protests held in São Paulo throughout 2019, the first year of Jair Bolsonaro's government. To explore the study hypothesis — that the right-wing groups on the streets, although united around Bolsonaro in the election, were multiple and often had divergent interests —, the protests of April 7, May 26, June 30, August 25, November 9, November 17, and December 8 were followed. During the research, a division between the protesters around two main groups became increasingly clear: a more conservative one, here called Bolsonarista, whose support for the government was unrestricted; and the Lavajatista one, with significant support for the government, but with a greater focus on measures to combat corruption and whose greatest icon would be Sergio Moro.

Keywords: *Protest. Right-Wing. Bolsonarismo. Lavajatismo*

INTRODUÇÃO

A pós a eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República em 2018, diferentes grupos de direita² que contribuíram para a sua eleição seguiram fortemente mobilizados. Mesmo com a direita no poder, os movimentos que promoveram grandes manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff continuaram realizando manifestações de rua durante o primeiro ano de governo de Bolsonaro. Este trabalho apresenta a pesquisa realizada durante todos os grandes atos realizados em 2019 na cidade de São Paulo; ou seja, as manifestações nos dias 07 de abril, 26 de maio, 30 de junho, 25 de agosto, 09 de novembro, 17 de novembro e 08 de dezembro. Foi realizada uma pesquisa etnográfica desses atos, junto a rápidas entrevistas com alguns manifestantes, a fim de se verificar como pensa essa direita nas ruas e constatar como, hoje, ela está menos unida do que antes.

.....
2 Sobre as origens desses grupos de direita, ver trabalho de Camila Rocha (2018).

A presença em manifestações de direita faz parte de uma pesquisa mais ampla de doutorado sobre o pensamento de apoiadores de Bolsonaro na eleição de 2018. Um dos propósitos da participação nos atos de rua era encontrar e recrutar moradores de regiões onde ele foi mais votado para realizar entrevistas em profundidade com esses eleitores mais engajados. Porém, a etnografia dessas manifestações também contribuiu para compreender melhor como pensa essa direita nas ruas, fornecendo importante material que embasa este trabalho.

O método etnográfico mostrou-se fundamental para a compreensão do fenômeno de manifestações de rua de direita ao longo do ano de 2019. Embora seja um método que possui limites — afinal, o espaço a ser observado não é (e nem deve ser) controlado (HARRINGTON, 2003), e um pesquisador sozinho não pode estar presente por todo o espaço em todos os momentos, testemunhando tudo que acontece ao longo de toda uma manifestação —, a observação participante revela detalhes que um olhar distante não permite. Como ressaltam De Volo e Schatz (2004), o que a etnografia perde em método por sua confiabilidade estatística, ela ganha pela validade dos seus achados.

Destaca-se que em todas essas datas, atos também ocorreram em diversas cidades do país. Assim, torna-se necessário enfatizar que não é possível atestar que os achados durante os atos de São Paulo podem ser puramente replicáveis para manifestações em outras cidades. Entretanto, São Paulo é, em geral, o palco mais numeroso e importante dessas manifestações, de modo que não é possível minimizar a sua relevância no contexto nacional. Ao mesmo tempo, os atos são convocados por todo o país pelos mesmos grupos; portanto, é de se esperar alguma semelhança razoável a ser encontrada em todas as manifestações.

A observação dos atos dividia-se em dois momentos. Num primeiro momento, eu acompanhava as manifestações “disfarçado”; ou seja, sem nada que me caracterizasse como pesquisador, e apenas como

mais da multidão. Assim, poderia prestar atenção ao redor e às falas durante os atos sem que a minha posição como pesquisador alterasse o objeto observado. Em um segundo momento, depois de circular por todo o ato, eu colocava em volta do pescoço meu crachá de pesquisador de pós-graduação, o que permitia que as pessoas soubessem meu papel ali. Timothy Pachirat (2009) discute a hipótese teórica de como seria se fosse possível tomar uma poção de invisibilidade para realizar uma etnografia sem a interferência no objeto por parte do pesquisador. Graças à natureza da manifestação, no primeiro momento, seria como se, de fato, eu tivesse tomado a poção de invisibilidade, já que não haveria nada que me destacasse dos outros manifestantes. Por outro lado, assim que colocava o crachá, seria como se o efeito da poção desaparecesse, e eu passaria, assim, a interferir no espaço observado.

Como um dos objetivos era encontrar possíveis novos entrevistados, além de percorrer as manifestações, ouvir os discursos nos carros de som e ler as diferentes faixas e cartazes levantadas pelos manifestantes, buscava-se abordar os presentes com um simples roteiro de perguntas de forma a identificar se o indivíduo se encaixava no perfil desejado para as entrevistas, com perguntas sobre idade, profissão, bairro, renda, voto em 2018 e avaliação do governo.

Embora as manifestações fossem razoavelmente plurais, é verdade que havia um maior número de pessoas de determinadas categorias. Isso condiz com os achados de uma pesquisa do Datafolha divulgada em setembro de 2019. De acordo com a pesquisa, o núcleo duro de apoio a Bolsonaro – aqueles que consideram o governo bom ou ótimo e que dizem confiar muito no presidente – seria de 12% da população, composto majoritariamente por homens, cuja metade teria mais de 35 anos, e quase um terço teria a idade acima de 60 anos. O número de brancos e de aposentados é ainda muito acima da média da população, cerca de metade possui renda superior a três salários-mínimos, e por volta de um terço possuía nível superior (PAULINO; JANONI, 2019).

De fato, nas manifestações, havia uma presença maior de homens brancos, de idade mais avançada e aposentados. Pela profissão, era possível constatar uma grande quantidade de pessoas com ensino superior completo; em termos de renda, havia uma proporção maior de pessoas com renda familiar acima de R\$ 5 mil ou seja, cerca de 5 salários-mínimos.³ Assim, como as perguntas sobre o voto na eleição de 2018 e sobre a avaliação do governo revelavam, ficava claro que as manifestações reuniam, em sua maior parte, esse núcleo duro de apoio a Bolsonaro.

Todas as manifestações frequentadas foram realizadas na Av. Paulista, em São Paulo. Em todos os atos, em um segundo momento, eu colocava um crachá com uma identificação de pesquisador de modo a facilitar a abordagem e logo esclarecer do que se tratava. À distância, alguns poucos observavam curiosos o meu crachá, apontavam para mim, entre cochichos e risadinhas, destacando a minha presença. A maioria (mas não muito grande) dos manifestantes abordados foi cordial e aceitava responder às perguntas. O restante reagia de diferentes formas: alguns suspeitavam das intenções das perguntas, e preferiam não responder; outros tratavam com escárnio, dizendo que não falaria com gente da esquerda, que as universidades públicas eram um antro de esquerdistas, entre outras coisas; e alguns poucos ainda eram um pouco mais agressivos, e aproveitavam para discursar contra as universidades e a esquerda em geral. Ressalto que nunca sofri nenhuma agressão física, e embora houvesse certa hostilidade de alguns presentes, as reações negativas eram mais jocosas e de escárnio do que verdadeiramente agressivas, e sempre busquei não entrar em conflito ou discutir as crenças que os manifestantes poderiam ter a respeito da pesquisa, das universidades e do meu propósito ali.

O número de abordagens bem-sucedidas nas manifestações oscilava entre quarenta e cinquenta pessoas. Isso não inclui os manifestantes que se recusavam a conversar. No total de todos os atos,

.....
3 O salário-mínimo em 2019 era de R\$ 998,00.

isso significa pelo menos trezentas pessoas abordadas com sucesso, e mais algumas centenas que não quiseram responder perguntas ou sequer falar. No geral, a maioria das pessoas se limitava apenas a responder as perguntas quando abordadas; outras, no entanto, aproveitavam para dar suas opiniões — por vezes de forma estendida — sobre diferentes temas, como a avaliação daquele ato, os resultados do governo, a insatisfação com adversários do presidente (PT, imprensa, Congresso, STF etc.), entre outros. Todos, de alguma forma, contribuíram para compreender melhor o panorama dessa direita.

Ao longo dos atos, foi possível testemunhar uma miríade de grupos representados dentro das manifestações, a maioria grupos menores, embora com cartazes e vestimentas caracterizadas. Dentre os grupos maiores, com o tempo, mostrou-se uma divisão na direita: havia grupos bolsonaristas, como NasRuas, Movimento Conservador — ex-Direita São Paulo —, Movimento Avança Brasil, entre outros, centrados na figura de Bolsonaro; e grupos lavajatistas, como o Movimento Brasil Livre (MBL), VemPraRua, Movimento Direita Digital, entre outros, centrados na figura de Sergio Moro. Embora os grupos atuassem juntos no começo, isso foi mudando com o passar do tempo.

Os relatos das etnografias realizadas a seguir demonstram a evolução desse relacionamento até a ruptura entre os grupos. Apesar de possuírem mais semelhanças do que diferenças, as divergências entre os dois foram se tornando insustentáveis. O rompimento entre eles foi um prelúdio para a posterior saída de Sergio Moro do governo, dividindo a direita que antes se uniu pela eleição de Bolsonaro.

O ATO DO DIA 07 DE ABRIL

A manifestação do dia 07 de abril havia sido marcada para defender a Operação Lava Jato e pressionar o STF para manter a prisão em segunda instância. O ato estava marcado para as 14h

do dia 07, e terminou às 17h. Embora o ato ocupasse algumas quadras da Av. Paulista, estava longe de ser tão grande quanto os atos pelo impeachment de Dilma Rousseff. Um dos entrevistados até lamentou que o ato deveria ter muito mais gente, como nos atos anteriores. As falas dos carros de som eram intervaladas com músicas, como “Pacato Cidadão”, do Skank, ou “Que País É Esse”, do Legião Urbana, além da música “Vem Pra Rua”, do cantor Falcão (da banda O Rappa), que fez parte de uma campanha publicitária da Fiat em 2013, e acabou gerando um dos lemas de junho de 2013 (e, posteriormente, o próprio movimento de direita VemPraRua).

Muitas das falas nas caixas de som eram de defesa da Lava Jato e de críticas ao STF e, em particular, aos ministros Gilmar Mendes e Dias Toffoli. O ministro da Justiça, Sérgio Moro parecia ser a grande unanimidade, sendo saudado por todos em diferentes ocasiões quando seu nome era mencionado. Mesmo assim, discursos pedindo apoio a Bolsonaro e, em menor grau, ao ministro da Economia, Paulo Guedes, também se faziam presentes.

As críticas ao STF chegavam ao ponto, nas falas e em cartazes, de pedir o “fim do STF”. Uma das ativistas, em um dos carros de som, retificou sua fala dizendo que pedir o “fim do STF” não significava querer fechá-lo, mas substituir a atual Corte por uma mais representativa, pois a que estava em vigor não seria “democrática”. Apesar disso, não presenciei discursos pedindo intervenção militar, a defesa de alguma ditadura, ou algo parecido; pelo contrário, algumas falas até louvavam a “democracia”, o que soava, entretanto, como uma forma de celebrar o resultado nas urnas que os favoreceram na eleição passada.

Em um momento, Marcello Reis, um dos líderes do Revoltados Online, grupo que, em conjunto com Movimento Brasil Livre e VemPraRua, mobilizou milhares de pessoas pelo impeachment de Dilma Rousseff, estava realizando um vídeo para o seu canal do YouTube. À frente de uma bandeira com o símbolo do grupo e o

slogan de campanha de Bolsonaro (“Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos”), ele posou para o vídeo enquanto algumas pessoas logo atrás entoavam os cantos “STF, presta atenção, a sua toga vai virar pano de chão” ou “OAB, presta atenção, logo, logo, você vai é pro caixão”⁴.

Os manifestantes também tinham outros alvos, um deles a imprensa. Além de cartazes escritos “A Imprensa é Inimiga do Povo”, algumas falas ressaltavam como a imprensa cobria de forma parcial o governo Bolsonaro. Ademais, Lula, o PT e a esquerda continuavam a ser lembrados nas falas, especialmente a vitória por afastar o risco do “comunismo” e o fato de Lula seguir preso, o que era comemorado efusivamente pelos presentes.

Algumas poucas pessoas que passeavam na Av. Paulista aproveitaram para provocar ou zombar dos manifestantes. A reação costumava vir por vaias, ou xingamentos de “ladrão” ou “corrupto”. Em alguns casos, os manifestantes alertavam a PM que alguém buscava confusão, e quando os policiais iam de encontro ao indivíduo em questão, os manifestantes ecoavam “Viva a PM!”. Brigas não foram observadas, mas a imprensa relatou o caso de uma jovem que foi agredida por três manifestantes (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019), dois deles supostamente um casal homossexual (REDAÇÃO REVISTA FÓRUM, 2019). Um aspecto curioso, de fato, é que havia mais de um casal homossexual presente na manifestação, de mãos dadas, mas em apoio a Bolsonaro, um político notoriamente homofóbico.

O ATO DE 26 DE MAIO

No ato do dia 26 de maio de 2019, o contexto era marcado por uma tentativa do governo de mostrar força e reunir mais pessoas do que no ato pela Educação, promovido no dia 15 do mesmo mês, em resposta aos cortes de orçamento do setor e aos ataques

.....
4 Ver OAB..., 2019 nas referências.

do governo a universidades. Apesar de ocuparem uma extensão razoável da Av. Paulista — o que poderia passar a impressão de um ato maior do que realmente era —, as pessoas se concentravam mais em torno dos carros de som, enquanto os espaços entre um e outro carro tinham a circulação tranquila, sem tanta ocupação do espaço. Reitera-se, no entanto, que o ato concentrou mais pessoas que aquele no dia 07 de abril.

A respeito das faixas, cartazes e discursos nos carros de som, é preciso contextualizar um pouco antes de descrevê-los. Os atos foram convocados sob a tese de que eram espontâneos por parte dos apoiadores de Bolsonaro, embora a máquina montada por seu grupo político nas redes sociais estivesse sendo utilizada a pleno vapor para dar publicidade aos atos. Inicialmente, o discurso era agressivo contra o Congresso e o STF; todavia, após críticas ao teor que poderia ter as manifestações e em temor das tensões que poderia gerar, Bolsonaro e seu grupo político amenizaram o tom e conclamaram os manifestantes a não realizar nenhum protesto antidemocrático, mas apenas em favor das reformas, como a da Previdência e do pacote anticrime do Ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro. A radicalização inclusive levou a críticas e à ausência de grupos e pessoas que apoiaram Bolsonaro, como o Movimento Brasil Livre (MBL), o VemPraRua e a deputada estadual Janaina Paschoal, que foram, em resposta, duramente criticados pela militância de Bolsonaro.

De fato, o apaziguamento promovido pelo governo funcionou, e o tom das faixas, cartazes e discursos dos carros de som foi mais moderado. Apesar de um ou outro cartaz pedindo intervenção militar, eles realmente eram minoritários, e havia mais mensagens a favor das reformas ou criticando Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos Deputados, Davi Alcolumbre, presidente do Senado, e membros do STF. Havia também muitas mensagens de forte apoio a Bolsonaro, Paulo Guedes, e Sérgio Moro, este último alvo de adoração tal qual Bolsonaro. Aliás, havia muitas demonstrações

de caráter praticamente messiânico com as figuras de Bolsonaro e Moro, como se fossem escolhidos por Deus para ajudar o Brasil.

Um episódio curioso ocorreu em um discurso nos carros de som. A deputada federal Carla Zambelli, do PSL, e uma das defensoras mais ferrenhas de Bolsonaro, fez um discurso no carro de som do movimento NasRuas (da qual ela é líder), o que atraiu muito dos manifestantes para ouvir. Ela ressaltou a necessidade de defender Bolsonaro e seu governo, e em certo momento, citou o nome de Rodrigo Maia. Ao ouvir o nome, os manifestantes começaram a vaiar, e a deputada se calou. Após alguns segundos de silêncio do carro de som — e a continuação das vaias — começaram a tocar uma música, o que parece ter sido para abafar as vaias. A música parou, e Carla voltou a falar, dizendo para tirar a música, pois, se não, as pessoas achariam que não pode xingar e vaiar, e poderiam sim. Apesar disso, a impressão que ficou é de certo temor dos organizadores de criar mais tensões entre o governo e o Congresso, representado na figura de Rodrigo Maia.

Outros “inimigos” seguiam presentes nos atos, como o PT e a imprensa. Gritos contra Lula ou de “Fora PT” ainda podiam ser ouvidos e alguns manifestantes circulavam com camisas ou “pixulecos”, bonecos com o ex-presidente Lula vestido de presidiário. Com relação à imprensa, testemunhei uma ocorrência intimidadora, em razão do seu viés autoritário. Alguns manifestantes identificaram jornalistas da Globo que estariam cobrindo a manifestação. Começaram, então, a intimidar os jornalistas, vaiando e gritando “Globo lixo! Globo lixo”, até que os jornalistas fossem embora da Av. Paulista rumo a uma de suas ruas paralelas, para comemoração dos manifestantes.

Um inimigo novo e peculiar era o MBL. A crítica do movimento aos atos do dia 26 e a sua ausência foi mal recebida por muitos manifestantes, alguns dos quais traziam cartazes acusando-os de representarem ou de estarem junto com o “Centrão”, outro alvo novo dos apoiadores de Bolsonaro. Apesar da ausência também do VemPraRua, este movimento não foi alvo de críticas, provavelmente

por ter uma postura mais formal, sem lideranças visíveis e expostas na mídia, e sem ter entrado de vez na política institucional, elegendo representantes assim como o MBL fez.

Outro aspecto curioso foi, novamente, a presença de mais de um casal gay carregando bandeiras do arco-íris — símbolo do movimento LGBTQ+ — em conjunto a roupas de apoio a Bolsonaro. O apoio inusitado atraía a atenção dos manifestantes, que aplaudiam, vinham cumprimentar e pedir fotos dos casais. Assim, eles posavam, orgulhosamente, com a bandeira LGBTQ+ ao lado da bandeira do Brasil, camisas com o rosto de Bolsonaro, e crianças sorridentes.

O ATO DE 30 DE JUNHO

O ato do dia 30 de junho foi convocado como uma defesa da Lava Jato, então atingida por revelações de mensagens em aplicativos de mensagens que indicariam um conluio entre procuradores do Ministério Público e o então juiz Sérgio Moro, trazidas à luz pelo portal *The Intercept Brasil*, em um escândalo que ficou conhecido como “Vaza Jato”. A princípio, a impressão é de que haveria menos pessoas do que no último ato, mas pareceu ter um pouco mais no final. Como nos outros atos, havia uma média de idade maior, mas havia gente de todas as idades, até mesmo adolescentes. A maioria era branca, mas também era possível encontrar muitas pessoas de outras etnias. E se a média de renda também era mais alta, também havia gente de todas as classes sociais.

Havia muito barulho dos carros de som, e a concentração em torno deles dificultava o movimento. Então, foquei mais em circular e ouvir o que estava sendo dito e deixar para entrevistar as pessoas mais para o final. Eram feitos muitos discursos contra a esquerda e defendendo a Lava Jato; muitas falas contra privilégios, e que os privilegiados estavam do lado da esquerda. Um homem anunciado como um dos criadores do Ranking dos Políticos, Alexandre Ostrowiecki, disse que aquilo não era “uma manifestação, mas uma

revolta de escravos contra os senhores de engenho, rompendo os seus grilhões, suas correntes”.

Luciano Hang, proprietário da rede de lojas Havan e um dos empresários com apoio mais fervoroso ao governo Bolsonaro, discursou no carro do movimento NasRuas e falou que “os privilegiados estão com a esquerda, e o trabalhador está com a direita”. Ele ainda fez um forte discurso contra as universidades federais, dizendo que elas são só para a elite, que são doutrinadoras e comunistas, e que deveriam “ensinar empreendedorismo, ciência, tecnologia, e não gênero, sociologia, filosofia, esquerdotopia”. Sua fala foi bastante aplaudida pelos presentes.

Em um carro de som mais distante, um militar fardado fazia abertamente a defesa do fechamento do Congresso e do STF. Desta vez, havia muitas mais faixas a favor de uma intervenção militar do que o último ato. Em resposta ao discurso do militar, alguns manifestantes gritavam “Queremos intervenção”, “Aço!”. É verdade, no entanto, que o carro de som dos “intervencionistas” reunia menos pessoas que os atos de outros movimentos.

Nando Moura, um *youtuber* de direita, também falou no carro do VemPraRua. Ele defendeu a Lava Jato e falou que esperava que os diálogos vazados pelo *The Intercept* falassem de uma ligação do Moro com a CIA, mas não tinha visto nada. Ele ainda lembrou o caso do menino Rhuan,⁵ e que a mídia e a esquerda estavam tentando abafá-lo. Alguns cartazes também citavam o menino. A impressão era de que diferentes grupos e manifestantes de direita estariam tentando explorar ao máximo o caso de forma a atacar a esquerda.

Conversando com as pessoas, além das perguntas básicas do roteiro, perguntei por que tinham ido ao ato e o que acharam do vazamento

-
- 5 O caso do menino Rhuan foi um crime brutal de mutilamento e assassinato do garoto de 9 anos por sua mãe e sua parceira. Grupos de direita acusaram a grande imprensa de abafar o caso em razão das assassinas serem um casal de lésbicas e porque o crime teria motivações com base na “ideologia de gênero”, já que as mães haviam mutilado o órgão sexual do garoto porque ele queria ser do sexo feminino.

dos diálogos pelo *The Intercept*. O motivo era, em geral, o mesmo: apoiar a reforma da Previdência, defender o governo e defender a Lava Jato. Sobre os diálogos, um homem que discursou em um carro de som resumiu bem o que os respondentes alegavam: “Esses diálogos foram fraudados, adulterados, mas mesmo se forem verdade, não há crime”.

Um aspecto em destaque foi a participação do MBL no ato. Depois da ausência no ato anterior e de rixas com seguidores bolsonaristas, o grupo retornou às ruas. Desta vez, contudo, os membros do movimento trouxeram um pequeno carro de som, sem nenhuma menção ao nome ou ao logo do MBL, e se não fosse o Fernando Holiday discursando ou uma ou outra pessoa com camiseta do MBL em volta, não seria possível identificar que aquele carro de som e aqueles militantes eram do movimento.

Em seu discurso aguerrido, Holiday ressaltou que: “a classe média perdeu a vergonha de dizer a sua opinião, a classe média perdeu a vergonha de se dizer de direita”. No entanto, o movimento, que nasceu como consequência dos atos das Jornadas de Junho de 2013 e foi um dos protagonistas no impeachment de Dilma Rousseff, agora recebia aplausos tímidos e vaias dispersas. Os outros carros de som tinham muito mais pessoas em volta, e enquanto Holiday discursava, ainda havia alguns gritos de “Fora MBL!”. Ademais, alguns membros do grupo Movimento Conservador (antes Direita São Paulo) chegaram a hostilizar membros do MBL, o que exigiu a intervenção da Polícia Militar (REDAÇÃO VEJA, 2019). Assim, parte da direita que o MBL tinha ajudado a se organizar nos últimos anos agora se voltava contra eles.

O ATO DE 25 DE AGOSTO

O ato do dia 25 de agosto foi menor do que os anteriores, provavelmente porque menos grupos participaram. Parece que a iniciativa de fazer a manifestação partiu mais dos militantes, como forma de defender o governo e a Lava Jato, e diferentes grupos

acabaram entrando na onda. Portanto, pelo tamanho menor, não surpreende que a ala mais radical estivesse mais presente, o que significa que a grande maioria avaliava o governo como “ótimo”. Dos cinco ou seis carros de som, pelo menos dois defendiam intervenção militar, sem qualquer pudor. Um homem fardado como militar falou abertamente que a mobilização era importante para “matar de vez esses esquerdopatas comunistas”. Em outra fala, um militante afirmou em cima do carro de som que “agora a esquerda que tem medo das ruas”.

Havia muitas falas também sobre a polêmica então recente dos incêndios na Amazônia. Muitos discursos também contra o presidente francês Emmanuel Macron (visto como de esquerda, e crítico da postura do governo Bolsonaro com relação ao meio ambiente). Em resposta, havia muitos gritos de defesa da soberania nacional, que “a Amazônia é nossa”, ou que país nenhum conseguiria invadir o Brasil porque nossas Forças Armadas iriam nos defender.

Por outro lado, também havia muitas faixas e cartazes contra o STF e Congresso (além dos pedidos de intervenção). Muitas outras pediam o veto total ao PL 7596/2017, conhecido como o projeto de lei sobre Abuso de Autoridade. Além das frequentes manifestações de apoio a Bolsonaro e a Moro, havia alguns apoios ao nome de Deltan Dallagnol para ser indicado ao posto de novo Procurador-Geral da República (PGR).

Este elemento trazia uma dinâmica interessante para os movimentos de direita nas ruas. Enquanto alguns clamavam pelo nome de Dallagnol como PGR, nas redes sociais, Bolsonaro, seus filhos e seguidores mais fiéis tentavam jogar Dallagnol no campo da esquerda. Esse racha de opiniões expunha um elemento que não era tão claro à primeira vista: que a direita nas ruas não era totalmente unida. Assim, foi possível afirmar, como Kalil (2019) também já havia atestado, que havia duas correntes: uma bolsonarista, com teor mais ideológico conservador, centrada na figura de Bolsonaro; e uma “lavajatista”, com foco no combate à corrupção,

centrada mais na figura de Moro. Embora as duas correntes caminhassem juntas por quase todo o tempo e houvesse uma sobreposição na maior parte dos temas, elas não concordavam em tudo. Essa divergência com relação a Dallagnol expôs alguns dos primeiros rachas entre as duas correntes, embora ainda longe de significar um rompimento.

Depois de conversar com um manifestante, uma senhora de seus 50 anos me abordou e comentou que a filha dela havia estudado Medicina em uma universidade pública, mas que lá só havia comunistas, e que Bolsonaro tinha que secar todas as verbas para as universidades públicas para elas falirem. Questionei, então: “Mas sua filha estudou numa universidade pública, se você corta as verbas, ela também não poderia estudar lá.” Ao que ela respondeu: “Não tem problema, eu pagaria uma particular”. E continuou falando de outros temas, que menina é menina, menino é menino, que a esquerda queria mudar isso, entre outras coisas.

Também tive um diálogo anedótico com duas senhoras idosas que também me abordaram por iniciativa própria. A conversa seguiu mais ou menos assim:

Senhora 1: Me fala então — porque as universidades só têm esquerdistas — você está a favor do Bolsonaro, ou você está contra o Brasil?

Pesquisador: Espere aí, você acha que a esquerda é contra o Brasil?

Senhora 2: Lógico, a esquerda apoia o PT, que destruiu o país, então são contra o país.

Pesquisador: Não é verdade, inclusive tem muita gente dentro da esquerda que se opõe ao PT. Todo mundo, de direita ou esquerda, é a favor do Brasil.

Senhora 1: (cara de confusão) Mas e você, é a favor do que está acontecendo no Brasil?

Pesquisador: *Eu sou a favor da democracia e de manifestações democráticas.*

Senhora 2: *(cara de confusão outra vez) E sobre o que é a pesquisa?*

Pesquisador: *Estou tentando conhecer o perfil dos manifestantes e conhecer um pouco mais sobre essa “nova direita” nas ruas. Vocês querem ver o questionário? (Mostro então as perguntas que faço)*

Senhora 1: *Você faz uma pergunta sobre o PT, então essa é uma pesquisa direcionada.*

Pesquisador: *Como assim direcionada?*

Senhora 2: *Você deveria perguntar no geral, há mais de 30 partidos.*

Pesquisador: *Sim, mas o PT ficou no governo de 2003 a 2016, então a ideia dessa pergunta é saber se a pessoa já votou no PT antes e se mudou de posição.*

Senhora 1: *A sua pesquisa está direcionada (olhando para mim com raiva e em silêncio).*

Pesquisador: *Acho que você não entendeu o propósito da pesquisa. (Informação verbal, 2019)*

Encerramos o diálogo e segui abordando outras pessoas na manifestação. As conversas mostram um pouco do radicalismo de algumas pessoas presentes. Por se tratar de um ato menor, a consequência parecia ser uma concentração maior do núcleo mais duro de apoio ao governo e, portanto, mais hostil a pessoas de fora. Chamou ainda a atenção um “estande” com uma caixa de tomates para jogar em um cartaz com as fotos de Dias Toffoli, juiz do STF, e de Davi Alcolumbre, presidente do Senado. A lógica seguia que, ou você está com Bolsonaro, ou está contra ele. E parece que a interpretação de muitos militantes é de que as instituições estavam contra ele.

O ATO DE 09 DE NOVEMBRO

A organização para esse ato começou de um racha entre a direita. O VemPraRua marcou ato para o dia 03, mas era dia de ENEM, e alguns temiam o contexto, após as grandes manifestações que ocorriam no Chile. Então, o VemPraRua passou a manifestação para o dia 09. O NasRuas, da deputada Carla Zambelli, acusa o VemPraRua nas redes sociais de ser contra o Bolsonaro, então marcaram um outro ato para o dia 17. Os seguidores do NasRuas não aprovaram a ideia, pressionaram o grupo a apoiar as manifestações do dia 9, e após a saída de Lula da prisão no dia anterior, eles se juntaram aos atos, embora em um canto separado na Av. Paulista.

Dada a desorganização para o protesto, havia menos gente do que em outros atos. Também só havia dois carros de som: um do VemPraRua, e outro do NasRuas, em conjunto ao Movimento Conservador e ao Movimento Avança Brasil. O tema era a defesa da prisão após a segunda instância, mas o que mais teve foram falas contra Lula, que havia sido solto da prisão no dia anterior, e exaltando Sergio Moro. Aliás, muita exaltação a Moro e pouca a Bolsonaro. Essa era uma manifestação essencialmente lavajatista. Como nos outros atos, quase todos manifestantes eram brancos, e havia uma maioria de pessoas mais velhas e de renda mais alta. Sendo um ato puxado menos por grupos bolsonaristas, havia muitas pessoas que classificavam o governo como “regular”, principalmente quem não tinha votado em Bolsonaro no 1º turno.

Nos carros de som, Rodrigo Chequer, do VemPraRua, fez uma fala aguerrida, exaltando a Lava Jato e o Moro, e dizendo que eles estão sob ataque. No outro carro, Luciano Hang exaltou que não patrocinava mais em programas de jornalismo da Globo, e pediu para que os presentes fizessem um painel durante o Jornal Nacional. Alguma pessoa no carro de som chamou a atenção de que o Luciano Huck havia emprestado o jatinho dele para o Lula, para a vaia dos presentes. Outra lembrou os presentes que “o bem sempre vence o

mal”. Carla Zambelli também discursou, dizendo que “a gente vai vencer essa guerra”.

Talvez a surpresa do ato tenha sido o retorno do MBL às manifestações de rua de direita. Desta vez, não em um carro de som, mas em estilo “bloquinho”, com batucada e cantos contra o PT. Como era uma manifestação essencialmente em defesa da Lava Jato e não de Bolsonaro, o MBL não se sentiu ameaçado em participar. Estavam presentes Kim Kataguirí, Renan Santos e Vinícius Poit, deputado federal do Novo. Aliás, havia uma quantidade razoável de pessoas com camisa do Novo. Formou-se aí uma situação curiosa: um bloco com pessoas muito jovens, do MBL, junto a pessoas mais idosas que os acompanhavam. Realmente, os dois extremos etários.

O ATO DE 17 DE NOVEMBRO

Se a manifestação da semana anterior era mais lavajatista, a deste dia era mais bolsonarista, organizada por outros movimentos (NasRuas, Movimento Conservador, Movimento Avança Brasil, entre outros), sem o envolvimento de VemPraRua, MBL etc. O tema era o impeachment de Gilmar Mendes.

Sendo um ato mais bolsonarista, o público foi mais variado, com pessoas de bairros mais periféricos juntas a outras de bairros ricos. O bolsonarismo mostrava-se, portanto, mais popular que o lavajatismo. Assim, como o público era mais bolsonarista, havia uma avaliação melhor do governo, a maioria dizendo que considerava “ótimo”, com muitos dizendo que já tinham votado no PT, mas que tinham sido “traídos”. Chamou a atenção a presença de muitos gays ou casais gays também, com camiseta do Brasil e tudo mais, o que não era a primeira vez que ocorria nessas manifestações.

Nos carros de som, além de frases contra o STF e contra Gilmar Mendes, havia falas contra a esquerda e em prol de Bolsonaro e Moro, como: “A esquerda tem que aceitar que quem está no poder agora são os conservadores”; ou então: “Quem é robô do Bolsonaro? Quem vai lutar contra o Foro de SP?”. Uma outra mulher disse

no carro de som que havia sido comprovada fraude nas urnas, e o culpado disso era o STF. Chamaram um venezuelano para falar também, que disse que os presentes “salvaram o Brasil do comunismo na última eleição.” Enquanto isso, nas ruas, uma mulher, em gravação para um *youtuber*, disse: “Vocês acham que eu sou gado? ‘Muuu’ para vocês! Vou passar pano!”, enquanto balançava um lençinho de frente à câmera.

Um fato curioso foi que a comunidade boliviana no Brasil organizou um ato também para o mesmo dia e local para denunciar o golpe na Bolívia, embora em um horário mais tarde. Assim, o final da manifestação ficou assim: bandeiras do Brasil para todo lado, e alguns bolivianos passando com a bandeira boliviana ou com a Wiphala, bandeira dos povos indígenas da região andina. Grupos antagônicos, de certa forma, mas comendo churrasquinho um do lado do outro.

O ATO DE 08 DE DEZEMBRO

O tema da manifestação era para pressionar pela prisão em segunda instância. E a maior parte das falas foi sobre isso e, em segundo lugar, sobre o aumento do fundo eleitoral. Entretanto, o ato foi bem esvaziado, seja pela fadiga de tantos atos, seja pelo clima de fim de ano. Havia três carros de som e uma pequena concentração em torno de cada um. Parecia que a maioria dos transeuntes era mesmo de gente que estava curtindo a Av. Paulista no domingo. Pela quantidade menor de pessoas, os manifestantes presentes eram claramente os mais fervorosos, o que se refletia pela alta avaliação do governo até então, com a ampla maioria considerando-o “ótimo”. Ao mesmo tempo, a baixa adesão deixou o público mais hostil às abordagens, sem tanta receptividade quanto em atos anteriores.

A divisão seguia clara: VemPraRua e MBL de um lado, NasRuas e outros movimentos menores de outro. Os primeiros mais lavajantistas, os segundos mais bolsonaristas. Por um lado, curiosamente, os bolsonaristas, como a Carla Zambelli, pregaram a união entre

as direitas, que a direita deveria parar de brigar, e que os verdadeiros inimigos seriam “PT, PCdoB, PSOL, STF, família Gomes, Renan Calheiros, Jader Barbalho...” etc. Por outro, a divisão entre os grupos era tão clara que o carro de som do NasRuas ficava de costas para o do VemPraRua.

Carla Zambelli, o principal nome do NasRuas, ainda comentou sobre alguns pedidos para “fechar o STF”. Ela disse que embora fosse “bom na prática”, não era o melhor caminho “agora”, que isso iria gerar uma grande insegurança jurídica, justamente em um momento que “o Brasil está recuperando sua imagem no exterior”. Ela ainda alertou que seria tudo que a oposição gostaria, e chamou a atenção para o que estava acontecendo no Chile, pois aquilo era muito perigoso, que era “a maior revolução da história do Ocidente”, e que a esquerda gostaria de fazer o mesmo aqui.

Em outro carro, o deputado federal Major Olímpio (PSL) discursou para seguidores, com o apoio do que pareciam ser parte de sua equipe. Do VemPraRua, muita música e discurso louvando a Lava Jato. Era o carro de som que reunia mais gente. E o MBL reapareceu com seu “bloquinho” de jovens, desta vez com a trupe toda dos principais nomes: Arthur MamãeFalei, Kim Kataguirí, Fernando Holiday e Renan Santos.

Ainda havia algumas figuras curiosas na manifestação, como um homem fantasiado de Coringa com um adesivo de “Globo lixo” e uma corrente com a cruz cristã, além de algumas faixas de grupos cristãos. Entretanto, o momento de maior contraste surgiu quando um número grande de jovens se reuniu no vão do MASP, e jovens claramente da periferia em sua maioria. Eu perguntei a um deles do que se tratava, e ele me disse que era um encontro LGBT+. Prestando mais atenção, isso ficou claro. Não havia hostilidade entre os grupos, exceto por um momento com um sonoro refrão xingando Bolsonaro. Os bolsonaristas ignoraram, enquanto o homem discursando no carro de som falava que a esquerda não reconhecia as “conquistas” do governo Bolsonaro. E, assim, formou-se um

cordão de policiais para proteger os manifestantes bolsonaristas, apesar da falta de animosidade mais explícita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença nas manifestações de direita em São Paulo ao longo do ano de 2019 permitiu ter um conhecimento mais amplo de quem é essa direita que atua nas ruas e como, hoje, ela está dividida. É possível separar essa direita, hoje, em dois campos: uma lavajatista, composta por movimentos que foram protagonistas no impeachment de Dilma Rousseff e que apoiavam Sergio Moro; e uma bolsonarista, composta por outros movimentos hoje ancorados no apoio a Bolsonaro.

Essa diferença também aparecia entre os manifestantes, embora uma parte considerável dos manifestantes comparecesse a protestos convocados por ambos os grupos. Nas manifestações exclusivamente bolsonaristas, era possível perceber um público levemente mais popular, com uma adesão maior (embora ainda não significativa) de pessoas de classes mais baixas. Além disso, o apoio a Bolsonaro era mais resolutivo entre esses manifestantes. Por outro lado, no público das manifestações lavajatistas, o apoio a Bolsonaro era majoritário, mas com algumas vozes um pouco mais críticas. Além disso, notava-se a presença mais visível de partidários do Partido Novo, único partido que se fazia visível nos atos. Nota-se, entretanto, que esse público também tendia a ser levemente mais branco, mais rico e mais escolarizado.

No início, ambos os grupos, e principalmente seus seguidores, tinham interesses em comum: o principal deles sendo o apoio ao governo Bolsonaro. Porém, o rompimento entre os movimentos nas ruas acabou sendo um prenúncio da saída de Moro do governo, meses depois, em 24 de abril de 2020. A direita que havia se unido em 2018 para eleger Bolsonaro acabou se dividindo, o que ficou claro primeiramente nas ruas, e posteriormente entre as principais

figuras políticas. Resta saber se essas direitas voltarão a se unir novamente, em favor — ou contra — algum candidato.

REFERÊNCIAS

- DE VOLO, L. B.; SCHATZ, E. From the inside out: ethnographic methods in political research. *PS: Political Science & Politics*, An Arbor, v. 37, n. 2, p. 267-271, 2004.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Atos em SP têm confusão com manifestantes pró e contra Lula. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 abr. 2019. Disponível em: <https://bityli.com/peDSX>. Acesso em: 4 nov. 2019.
- HARRINGTON, B. The social psychology of access in ethnographic research. *Journal of Contemporary Ethnography*, Thousand Oaks, v. 32, n. 5, p. 592-625, 2003.
- KALIL, I. Contra o STF e a favor de quem? Protestos contra o STF e contra a lei de abuso de autoridade. In: RENZO, A. (ed.). *Blog da Boitempo*, São Paulo, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://bityli.com/eaMuIk>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- OAB PRESTE ATENÇÃO LOGO VC VAI É PRO CAIXÃO. [S. l.], 2019. 1 vídeo (0:42 min). Publicado pelo canal Revoltados On line. Disponível em: <https://bityli.com/ukkNL>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- PACHIRAT, T. Shouts and Murmurs: The Ethnographer's Potion. *Qualitative and Multi-Method Research Newsletter*, New Haven, Fall, 2009.
- PAULINO, M.; JANONI, A. Núcleo duro de apoio a Bolsonaro é de 12% da população, aponta Datafolha. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 4 set. 2019. Disponível em: <https://bityli.com/JRsiK>. Acesso em: 3 nov. 2019.
- REDAÇÃO REVISTA FÓRUM. Casal gay está entre os 3 agressores à manifestante pró-Lula na avenida Paulista. *Revista Fórum*, [S. l.], 9 abr. 2019. Disponível em: <https://bityli.com/htjVY>. Acesso em: 4 nov. 2019.
- REDAÇÃO VEJA. Acusado de não defender Bolsonaro, MBL é hostilizado no Rio e SP. *Veja*, São Paulo, 1 jul. 2019. Disponível em: <https://bityli.com/VPTmO>. Acesso em: 4 nov. 2019.
- ROCHA, C. “Menos Marx, Mais Mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006–2018). 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.